eJOURNALUSA

O Espírito do Voluntariado

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA • BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
VOLUME 16 / NÚMERO 5
Publicado em janeiro de 2012

Coordenadora	Dawn L. McCall
Editor Executivo	Nicholas S. Namba
Diretor de Conteúdo Escrito	Michael Jay Friedman
Diretora Editorial	Mary T. Chunko
Editor-gerente	Phillip C. Kurata
Designer	Chloe D. Ellis
Projeto da Capa	Dori Walker
Editora de Fotografia	Ann Monroe Jacobs
Especialista em Referências	Martin J. Manning
Revisora do Português	Marília Araújo

Foto da capa: ©mangostock

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal* USA. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/CD/WC
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre esta Edição

©Art Vassy, SouthtownStar/AP Images

A alegria de ver os olhos de um menino se acenderem ao compreender palavras impressas em uma página é imensamente gratificante para este monitor voluntário de leitura

Quem doa sangue nos Estados Unidos? Quem lidera os grupos de escoteiros? Quem canta cânticos nos hospitais durante o Natal? Quem apaga incêndios e resgata pessoas em emergências médicas? São voluntários, tão inseridos na vida americana que muitas vezes passam despercebidos.

Esta edição de *eJournalUSA* é dedicada aos cidadãos anônimos que coletivamente contribuem com cerca de US$ 173 bilhões por ano com seu trabalho não remunerado. Eles fazem parte de uma tradição de voluntariado com raízes profundas na sociedade americana. O combate a incêndios foi uma das primeiras formas de voluntariado introduzida por Benjamin Franklin na Filadélfia em 1736. Essa ideia inovadora espalhou-se rapidamente, e em poucos anos as cidades de ponta a ponta da costa leste da América do Norte orgulhavam-se de contar com corpos de bombeiros voluntários.

A tradição do trabalho voluntário floresce hoje em comunidades grandes e pequenas e em uma multiplicidade de formas, à medida que a internet abre novas perspectivas para o voluntariado, permitindo que as pessoas ajudem o outro sem sair de casa. Essa tradição está incorporada em profissionais de saúde que prestam serviço em áreas devastadas por desastres naturais, pelos "avôs" de Alexandria, na Virgínia, que orientam meninos que crescem sem pai, e por voluntários que ajudam refugiados de terras distantes a construir uma vida nova em cidades dos EUA. O Espírito do Voluntariado conta as histórias dessas pessoas e das que se beneficiam com seu trabalho. ■

Os Editores

©Jose Juarez,The Oakland Press/AP Images

eJOURNALUSA

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JANEIRO DE 2012 / VOLUME 16 / NÚMERO 5

O Espírito do Voluntariado

4 Voluntariado: Uma Tradição Americana
SUSAN J. ELLIS E KATHERINE H. CAMPBELL
O voluntariado americano teve início quando a América do Norte era uma vastidão não desbravada e continua até hoje

10 Bombeiros Voluntários dos Estados Unidos
RICK J. MARKLEY
O combate voluntário a incêndios começou nas colônias americanas e a tradição continua forte até hoje.

18 É Preciso um "Avô"
JEANNE HOLDEN
"Avôs" voluntários orientam meninos sem pai.

22 Parceiros em Saúde: Saber Ouvir Constrói uma Comunidade
LISA J. ARMSTRONG
Voluntários ouviram as necessidades dos haitianos e ajudaram a construir uma clínica e uma comunidade.

28 Reassentamento em Seattle
CHARLOTTE WEST
Voluntários do Comitê Internacional de Resgate ajudam refugiados a construir uma vida nova em uma nova terra.

32 Além do Lucro: Voluntários Corporativos da IBMs
KATHRYN MCCONNELL
Uma das maiores empresas de computação do mundo estimula seus funcionários a compartilhar seus conhecimentos em países em desenvolvimento

37 Recursos Adicionais sobre Voluntariado

Foto à esquerda: As voluntárias muçulmana e judia Reem Ameiche e Risha Ring organizam enlatados em um banco de alimentos em Pontiac, Michigan, para ajudar pessoas carentes no inverno

As opiniões expressas nesta publicação não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos

Voluntariado: Uma Tradição Americana

Susan J. Ellis e
Katherine H. Campbell

A Cruz Vermelha Americana é um dos líderes dos esforços de voluntariado dos Estados Unidos desde 1881. E ainda é forte

©Matt Rourke/AP Images

O voluntariado proporciona alegria para quem dá e para quem recebe assistência.

"Tenho visto os americanos fazerem grandes e sinceros sacrifícios para o bem comum e centenas de vezes percebi que, havendo necessidade, eles quase sempre dão apoio fiel uns aos outros."

—Alexis de Tocqueville, 1835

Nos Estados Unidos, praticamente todo mundo, em algum momento, já foi voluntário. Em qualquer dia, milhões de americanos doam seu tempo e talento para beneficiar suas comunidades por meio do serviço voluntário. O voluntariado é tão disseminado nos Estados Unidos que pode ser observado diariamente em praticamente todos os aspectos da vida.

Em um ano normal, cerca de um quinto da população americana, mais de 62 milhões de pessoas, atua como voluntário, segundo estatísticas do governo dos EUA. Eles contribuem com mais de 8 bilhões de horas de serviço para grupos locais e nacionais, no valor de US$ 173 bilhões, segundo estimativas conservadoras.

As raízes do voluntariado americano são abrangentes e profundas. Os americanos se organizam para ajudar uns aos outros desde os tempos coloniais. Os colonizadores das novas colônias americanas tinham todos a mesma prioridade: sobreviver. Fisicamente, a terra era uma vastidão inabitada, e socialmente, a maioria das estruturas organizacionais familiares era inexistente. A cooperação muitas vezes significava a diferença entre a vida e a morte.

Agricultores vizinhos juntavam esforços para limpar a terra, construir casas e celeiros e fazer as colheitas. Festas para fazer colchas de retalhos e reuniões de mulheres para fazer roupas para a família eram ocorrências comuns, assim como os whangs, encontros de mulheres que ajudavam umas as outras com a limpeza anual das casas. Igrejas eram construídas por voluntários, e registros municipais são repletos de referências a doações de terra, materiais e dinheiro, todos doados voluntariamente de modo que todas as comunidades podiam ter seu próprio lugar de culto. Esforços voluntários tanto de homens quanto de mulheres eram chamados de "trabalhos de mudança".

Voluntariado nos Estados Unidos

Muitos voluntários trabalham em projetos para fornecer habitação para os pobres. A camada de tinta nova em uma casa é uma das últimas tarefas antes de entregar as chaves aos novos ocupantes

Quase 63 milhões de americanos dedicaram mais de 8 bilhões de horas ao voluntariado em 2010. O valor do tempo prestado pelos voluntários foi de US$ 173 bilhões, segundo a Corporação para o Serviço Nacional e Comunitário, agência federal que lidera a iniciativa "Unidos Servimos" do presidente Obama.

As formas de voluntariado mais amplamente praticadas foram:

- Captação de recursos para organizações filantrópicas e sem fins lucrativos—26,5%
- Preparação e distribuição de alimentos—23,5%
- Trabalho em geral e transporte—20,3% Exemplos: projetos de limpeza de bairros, trabalho administrativo para organizações sem fins lucrativos e transporte para idosos.
- Monitoramento—18,5%
- Mentoreamento de jovens—17%

Pessoas nascidas entre 1965 e 1981, a chamada Geração X, dedicaram 2,3 bilhões de horas ao serviço voluntário em 2010, aumento de cerca de 110 milhões de horas em comparação a 2009.

Muitos voluntários da Geração X usam suas habilidades digitais para ajudar organizações no mundo todo—sem sair de casa. O serviço Voluntariado On-line das Nações Unidas (UNV), criado em 2000, tem mais de 20 mil voluntários cadastrados que realizaram, 15.109 tarefas em 2010. Alguns voluntários on-line ajudaram a desenvolver muitas das 2 mil ONGs registradas no UNV. ■

©Kevin Wolf/AP Images for Hampton Hotels

A manutenção de monumentos e parques nos Estados Unidos não poderia ser feita sem os voluntários. O presidente Lincoln fica um pouco mais elegante graças a essa voluntária.

©Alexa Welch Edlund/AP Images/Richmond Times-Dispatch

"É assim que se bate na bola para mandá-la para fora do parque", ensina um jogador aposentado de beisebol a um jovem futuro jogador. O treinamento esportivo atrai muitos voluntários nos Estados Unidos.

À medida que os primeiros assentamentos tornaram-se pequenas cidades, novas maneiras de ação voluntária foram se desenvolvendo. Inicialmente, a iluminação das ruas era uma responsabilidade compartilhada pelos proprietários das casas, que faziam o rodízio de lanternas suspensas em seus portões de entrada. "Escolas dominicais" foram criadas para que crianças pobres, que trabalhavam seis dias por semana, pudessem aprender a ler em seu único dia livre, a partir da Bíblia.

Já nos anos de 1600, os colonos criaram brigadas de incêndio para combater incêndios em Boston, na Filadélfia e em Nova Amsterdã (mais tarde Nova York), e em 1736 Benjamin Franklin organizou formalmente a companhia voluntária de combate a incêndios da Filadélfia, consistindo em "30 voluntários equipados com sacolas, cestos e baldes de couro". O conceito rapidamente se espalhou pelas colônias e continua até hoje, quando mais de 70% dos bombeiros dos Estados Unidos são voluntários.

Três séculos e meio depois, o voluntariado permeia a sociedade americana. Por ser tão disseminado, o voluntariado quase sempre passa despercebido. A maioria dos americanos provavelmente nunca refletiu sobre o papel do voluntariado em sua vida diária e nunca se pergunta:

- Quem doa sangue?
- Quem administra as organizações de pais e mestres nas escolas?
- Quem trabalha para preservar pontos turísticos históricos?
- Quem distribui folhetos de campanhas políticas e registra os cidadãos para votar?
- Quem usa rádios amadores para retransmitir chamadas de ajuda?
- Quem lidera os Clubes 4-H (organizações de jovens patrocinadas pelo Departamento de Agricultura que oferecem instrução em agricultura e economia doméstica)?

©Ross D. Franklin/AP Images

Os voluntários desempenham papel importante no registro de americanos para votar.

- Grupos de escoteiros? Equipes de jovens esportistas?
- Quem posta mensagens em blogs, envia tweets e usa outras formas de mídia social para defender mudanças políticas e sociais?

Essa lista apenas toca a superfície, mas serve para ilustrar a diversidade das atividades das quais os voluntários americanos participam.

Os americanos prestam serviço voluntário não por coerção ou lucro, mas porque reconhecem uma necessidade e estão dispostos a assumir a responsabilidade de atender a essa necessidade. Mas como assumem essa responsabilidade além de seu trabalho e deveres diários e não buscam recompensa monetária, os próprios voluntários costumam subestimar o impacto de seu trabalho.

Muitos historiadores também negligenciaram a magnitude e a diversidade das contribuições feitas à história e à sociedade dos EUA pelos voluntários. No entanto, o efeito cumulativo de inúmeras ações voluntárias, que ocorrem em todas as partes dos Estados Unidos e em todas as décadas, deixa claro que muitos aspectos da história e da cultura americana foram moldados pelos voluntários.

O papel dos voluntários nos Estados Unidos sempre foi pioneiro—para reconhecer questões e necessidades significativas bem antes do governo e de outras instituições e para prestar serviços com o objetivo de atender a essas necessidades.

O voluntariado não acontece no vazio; tem sido moldado por mudanças na demografia, na composição familiar, em padrões de emprego e na economia. Por exemplo, com números iguais de mulheres e homens hoje na força de trabalho, muitas empresas americanas criaram programas de voluntariado, estimulando seus funcionários a se voluntariar, liberando-os por períodos que variam de algumas horas por semana até um ano sabático.

E com as pessoas acima de 60 anos constituindo o segmento de crescimento mais rápido da população, algumas organizações de voluntários americanos para idosos responderam diminuindo as exigências de idade, atraindo americanos ativos na faixa dos 50 e 60 anos para atender ao número crescente de octogenários e outros mais velhos.

O aumento explosivo da rede mundial de computadores mudou a vida de todo mundo e também afetou o voluntariado. Primeiro, deve-se observar o quanto os voluntários foram importantes e ainda são para o desenvolvimento da própria internet: programadores de código aberto, servidores de comunidades on-line e inúmeros blogueiros não remunerados contribuem para esse fórum global de trocas.

A internet também deu origem ao voluntariado virtual, no qual alguém localizado em qualquer parte do mundo, em qualquer horário, pode fornecer serviço on-line. Isso pode ser qualquer coisa, de edição de relatórios à tradução de documentos, mas também prestação de assistência técnica ou mentoreamento de jovens via e-mail e chamadas de voz pela internet.

A convergência tecnológica também está tendo impacto no voluntariado. Por exemplo, os smart phones estão possibilitando o microvoluntariado, no qual alguém pode fazer pequenas tarefas em alguns minutos por meio de chamadas via internet.

Olhando para o futuro, parece seguro prever que as causas servidas pelos voluntários americanos continuarão a mudar; a presença e o comprometimento dos voluntários não. ■

Autoras de By the People: A History of Americans as Volunteers [Pelo Povo: Uma História dos Americanos como Voluntários]. *Susan J. Ellis é presidente da Energize, Inc., empresa de treinamento, consultoria e editoração especializada em trabalho voluntário. Katherine H. Campbell é diretora executiva do Conselho de Certificação em Administração de Voluntários, único órgão independente que define normas para aqueles que seguem carreira na liderança de voluntários. Foi presidente nacional da Associação de Administração de Voluntários.*

As opiniões expressas nesta publicação não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos.

Bombeiros Voluntários dos Estados Unidos

Rick J. Markley

©Alex Dalenberg, Green Valley News/AP Images

Cortesia: Philip Stittleburg

Bombeiros voluntários fazem mais que simplesmente apagar incêndios. Eles também providenciam tratamentos médicos de emergência, como os voluntários de La Farge, acima, fazem com um motorista que capotou e destruiu o caminhão

La Farge, Wisconsin—São duas da madrugada, e você é despertado de um sono profundo por um som forte e em seguida por um rápido bipe. Isso é seguido pelo estrondo de uma voz no rádio junto à cabeceira da cama, dizendo "Corpo de Bombeiros requisitado. Corpo de Bombeiros requisitado". Na qualidade de voluntário não remunerado, você atende a chamada.

Essa cena de La Farge ou de um lugar muito parecido acontece todas as noites em inúmeras comunidades dos Estados Unidos. Isso porque mais de 85% dos corpos de bombeiros dos Estados Unidos são compostos total ou parcialmente por voluntários. Esses voluntários, ao todo quase 1 milhão, vêm de todas as classes sociais e sacrificam o tempo com a família e mesmo o sono para atender a várias emergências: resgatar vítimas presas em carros ou edifícios que contêm materiais perigosos e combater incêndios. Esses homens e mulheres fazem parte de uma tradição anterior à Independência dos EUA.

Origens do combate a incêndio por voluntários

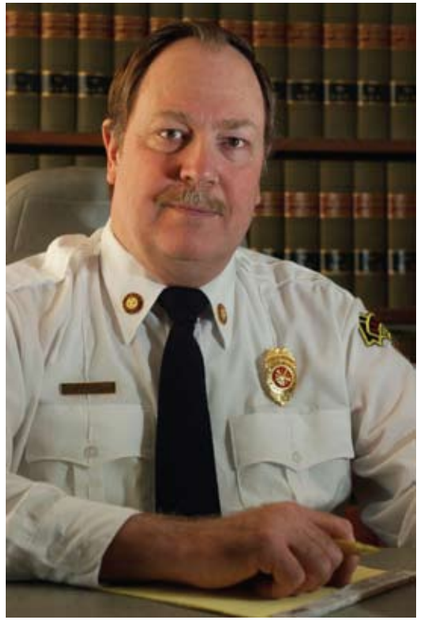
Benjamin Franklin foi um insigne inventor, escritor e diplomata. Menos conhecido é o fato de que Franklin organizou a primeira brigada de incêndio composta por voluntários 40 anos antes de as 13 colônias americanas declararem independência e se tornarem os Estados Unidos da América. Durante uma viagem a Boston, Franklin observou que a cidade estava muito mais bem preparada para combater incêndios que a Filadélfia—a cidade onde morava. Ao voltar para a Filadélfia, Franklin organizou a Union Fire Company em 1736. A ideia de brigadas de incêndio de voluntários se popularizou, e grupos similares foram formados em outras colônias americanas.

Os primeiros bombeiros voluntários americanos em geral eram financeiramente bem-sucedidos e tinham espírito cívico. Sua prosperidade pessoal era importante, porque os voluntários tinham de fornecer seu próprio equipamento de combate a incêndio.

Muita coisa mudou desde então. As grandes cidades dos EUA, como Boston e Filadélfia, agora têm corpos de bombeiros compostos por bombeiros de carreira em tempo integral, porém, fora dessas cidades, a maioria das comunidades americanas suburbanas e rurais ainda é protegida por bombeiros voluntários.

Combate comunitário a incêndios: uma tradição americana

La Farge é uma pequena cidade do sudoeste de Wisconsin. Como chefe dos bombeiros, Philip Stittleburg supervisiona uma equipe de 30 bombeiros voluntários, que trabalham em tempo integral como agricultores, gerentes, operários de fábricas e donos de empresas. O Corpo de Bombeiros de voluntários tem um posto de bombeiros e protege 2.750 moradores espalhados em 350 quilômetros quadrados. Eles atendem a cerca de 50 emergências por ano; colisões de veículos e incêndios constituem a maior parte dos chamados recebidos por eles.



Cortesia: Philip Stittleburg

O chefe Philip Stittleburg começou dirigindo caminhões quando estava na Faculdade de Direito em 1972. Advocacia e combate a incêndio são suas atividades desde então

Combate a incêndios por voluntários nos EUA

- 86% dos corpos de bombeiros são compostos totalmente ou em sua maioria por voluntários; eles protegem 39% da população.
- De 1,15 milhão de bombeiros dos Estados Unidos, 812.150 são voluntários.
- 94% dos bombeiros voluntários atendem a comunidades com menos de 25 mil habitantes.
- Nos Estados Unidos existem 21.235 corpos de bombeiros só de voluntários e 4.830 com maioria de voluntários.
- Bombeiros voluntários economizam para as comunidades locais US$ 37,2 bilhões por ano em impostos.
- 72 bombeiros dos EUA morreram no cumprimento do dever em 2010; 44 eram voluntários.

Stittleburg disse que o Corpo de Bombeiros tem o mesmo número de voluntários e atende a mais ou menos a mesma quantidade de chamadas de quando ele entrou, há 38 anos.

Outra coisa que não mudou é o compromisso dos bombeiros voluntários. Um senso de responsabilidade cívica impele homens e mulheres a pular da cama para esses chamados de emergência às duas da madrugada.

"A maioria deles sente que deve retribuir alguma coisa à comunidade", disse Stittleburg. "A comunidade cuida de você, alimenta você. E você deve alguma retribuição. E dá muita satisfação fazer parte de uma equipe que faz um trabalho difícil—um trabalho que nem todos podem fazer".

Stittleburg começou seu voluntariado no serviço de combate a incêndios como motorista em tempo parcial, enquanto cursava a Faculdade de Direito. Com o combate a incêndios no sangue, entrou para o Corpo de Bombeiros de La Farge em 1972, após se formar na Faculdade de Direito; foi nomeado chefe cinco anos mais tarde.

Como advogado, Stittleburg trabalhou como promotor de justiça adjunto em processos criminais. Ele diz que as duas profissões exigem tomada de decisão rápida muitas vezes com base em informações incompletas ou cenários em transformação. Se as decisões se mostrarem erradas, as consequências podem ser terríveis, por isso promotores e chefes de bombeiros precisam ter planos alternativos. Stittleburg diz que o tempo que passou nos tribunais fez dele um chefe de bombeiros melhor, e o inverso também é verdade. Recentemente aposentou-se da Promotoria Pública, mas continua como chefe dos bombeiros voluntários.

Ele declara ter testemunhado algumas mudanças estimulantes tanto no seu Corpo de Bombeiros quanto em corpos de bombeiros voluntários de todo o país. Com a experiência adquirida como membro do Conselho Nacional dos Voluntários de Combate a Incêndios, Stittleburg afirma que agora existe um nível muito mais elevado de profissionalismo entre os voluntários, obtido por meio de capacitação rigorosa. Diferentemente dos primeiros bombeiros voluntários, os de hoje não precisam comprar todo seu equipamento de combate a incêndio.

Mais de 85% dos corpos de bombeiros dos Estados Unidos são compostos total ou parcialmente por voluntários. Esses voluntários, ao todo quase 1 milhão, vêm de todas as classes sociais.

Financiamento de bombeiros voluntários

A maioria das comunidades com corpos de bombeiros voluntários reserva algum dinheiro dos impostos para comprar e manter equipamentos protetores, tais como calças e casacos antifogo, capacetes, tanques e máscaras de

Cortesia: Philip Stittleburg

Os bombeiros de La Farge preparam-se para aterrissar um helicóptero em um campo nevado para transportar para o hospital uma vítima de acidente rodoviário

oxigênio e botas. O dinheiro público também é usado para comprar ferramentas para combater incêndios e efetuar resgates. Mas o dinheiro fornecido pelo governo local com frequência não é suficiente para atender às necessidades de um corpo de bombeiros. Quando isso ocorre, bombeiros voluntários patrocinam eventos comunitários para angariar o dinheiro adicional. Por exemplo, por meio de atividades como rifas e venda de calendários, os voluntários de La Farge levantam até US$ 10 mil por ano—10% do orçamento anual do corpo—para comprar equipamentos adicionais de resgate e combate a incêndios.

O governo federal também desempenha um papel ajudando corpos de bombeiros voluntários com a destinação de verbas anuais. Ao solicitar uma verba federal, um corpo de bombeiros precisa mostrar que os equipamentos, como por exemplo um caminhão de combate a incêndio, são necessários e precisa também se comprometer a fornecer parte do dinheiro da compra. Stittleburg afirma que usou essas verbas para comprar caminhões de combate a incêndio para La Farge. Mas, mesmo com as verbas, diversos corpos de bombeiros voluntários mantêm seus veículos em operação por muito tempo.

"Quando cheguei aqui em 1972, tínhamos dois caminhões: um era um International 1957, nossa máquina de primeira linha, e o outro era um Dodge 1939", declarou Stittleburg. Logo após ele virar chefe, o Corpo de Bombeiros de La Farge comprou um carro de bombeiros de 1972. "Hoje, minha máquina de segunda linha é o International 1972; é mais velho agora que o Dodge 1939 era quando entrei aqui". E o Dodge 1939? Foi totalmente restaurado e é usado como peça de exibição em desfiles.

Ben Franklin, bombeiro voluntário e diplomata, ficaria orgulhoso. ■

Rick Markley trabalha como gerente de mídia voluntário na Missão Internacional para Ajuda contra Incêndios, que fornece a países em desenvolvimento equipamentos usados para combate a incêndio e serviços de emergência, além de capacitação. Ele é bombeiro voluntário e ex-editor da revista Fire Chief.

Combate a incêndios: tradição familiar

Cortesia: Thad Stutler

Os membros da família de Thad Stutler, chefe voluntário do Corpo de Bombeiros em Dyer, Indiana, apagam incêndios e salvam pessoas há quase um século. Seu bisavô, Philip Keilman, entrou para o Corpo de Bombeiros Voluntário em 1915

Dyer, em Indiana, é uma cidade-dormitório 64 quilômetros ao sul de Chicago. Seus 16 mil habitantes são protegidos por um Corpo de Bombeiros Voluntário chefiado por um bombeiro voluntário de Dyer da terceira geração.

Em dezembro de 1987, Thad Stutler, então com 23 anos, ingressou no Corpo de Bombeiros Voluntário recém-saído da faculdade com diploma de enfermagem. Em 1965, 22 anos antes, Gary, pai de Stutler, entrou na mesma unidade de voluntários, onde passou por todas as fileiras do Corpo de Bombeiros e atuou como chefe durante um ano.

As origens do serviço voluntário da família no combate a incêndios remontam a 1915, quando Phillip Keilman, bisavô materno de Thad Stutler, ingressou no Corpo de Bombeiros. Keilman, que trabalhou como químico na E. I. du Pont de Nemours and Company (Dupont), foi um dos 19 membros originais que formaram um serviço voluntário de combate a incêndios para proteger a cidade.

"Cresci zanzando em torno do de bombeiros", disse Stutler. Nos anos 1960 e 1970, era comum o Corpo de Bombeiros Voluntário ser composto por parentes consanguíneos ou adquiridos por laços matrimoniais, declarou. E os que não eram parentes eram como se fossem. Os tempos mudaram desde que Stutler aprendeu a combater incêndios seguindo o pai no posto de bombeiros. Agora, exige-se que os bombeiros voluntários recebam treinamento de mil horas ao ingressar. E há maiores exigências na carreira, afirmou. A equipe de Dyer de 31 bombeiros voluntários atende não apenas a incêndios, resgates e colisões de veículos como também a emergências médicas. O Corpo de Bombeiros responde a mais de 1,1 mil chamadas todo ano, com mais de 80% delas sendo chamadas médicas.

Stutler e a esposa têm quatro filhos, nenhum com idade suficiente para entrar no Corpo de Bombeiros Voluntário. Como Stutler, os filhos foram criados em torno do serviço de combate a incêndios, seja operando uma máquina de fazer pipoca durante as horas de funcionamento do Corpo de Bombeiros ou representando vítimas de acidentes durante um exercício de treinamento.

"Eles já são versados em combate a incêndio e segurança contra incêndio", disse Stutler. Já aprenderam a não entrar em pânico em situações estressantes. Mas toda essa preparação não significa que Stutler forçará os filhos a entrar no serviço voluntário de combate a incêndios. Ele ainda lembra o conselho dado pelo pai quando era jovem.

"Ele me disse para entrar no corpo de bombeiros não porque ele assim fizera, mas por eu querer isso", disse Stutler. "E que, se eu entrasse, que fizesse um bom trabalho; que não tomasse o lugar de outro que faria isso direito." ■

Combate a incêndios além das fronteiras dos EUA

Ron Gruening/IFRM

A Missão Internacional para Ajuda contra Incêndios enviou equipamentos doados a corpos de bombeiros de países estrangeiros. Um encanador de North Branch, Minnesota, doa o espaço do armazém para estocar os equipamentos antes de serem embarcados

Rick Markley/IFRM

Ron Gruening, à esquerda, ensina a bombeiros hondurenhos na Ilha de Roatán como prender um kit portátil de oxigênio, de modo a que possam entrar em um prédio em chamas

O trabalho voluntário dos americanos no combate aos incêndios estende-se além das fronteiras dos Estados Unidos. Vários grupos sem fins lucrativos doam equipamentos e capacitam bombeiros em países em desenvolvimento. Um desses grupos é a Missão Internacional para Ajuda contra Incêndios (IRFM), cujos voluntários muitas vezes usam seu próprio dinheiro para ajudar bombeiros no exterior.

"Quando corpos de bombeiros americanos compram novos equipamentos, os usados ainda duram muito", declarou Ron Gruening, presidente da IFRM e bombeiro voluntário. "Nós os enviamos para corpos de bombeiros necessitados no mundo todo, onde darão mais segurança a esses bombeiros e os ajudarão a proteger seus concidadãos.

Também dedicamos algum tempo nesses países capacitando seus bombeiros sobre o uso dos equipamentos e lhes dando orientações básicas de combate a incêndio.

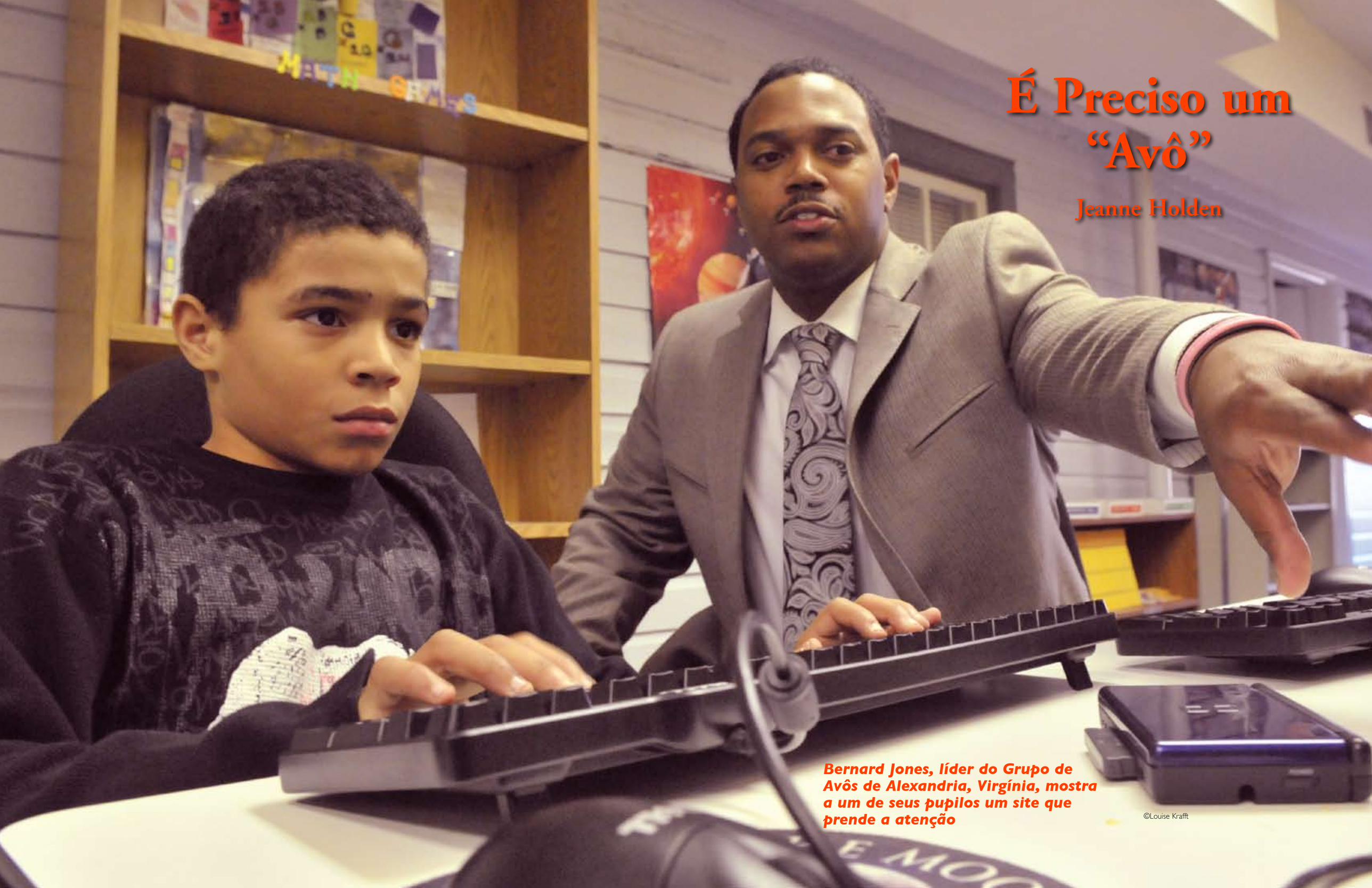
Em fevereiro de 2010, a equipe da IFRM forneceu equipamentos e capacitação à Ilha de Roatán em Honduras. Lá, a IFRM encontrou um grupo de bombeiros jovens e dedicados usando roupas de proteção desemparelhadas e muito gastas. Os bombeiros de Roatán ficaram maravilhados com o presente.

"Tivemos sorte de ter encontrado um distribuidor de roupas de proteção que tinha um suprimento de equipamentos novos", disse Gruening. "Estavam em perfeitas condições; tivemos de tirar as etiquetas. Estavam disponíveis porque as normas americanas são melhoradas de tempos em tempos, e esses equipamentos não obedeciam às novas normas. O distribuidor não tinha permissão para vendê-los para corpos de bombeiros dos EUA, mas com essa doação à IFRM ele pôde proteger esses bombeiros hondurenhos."

A IFRM tem como meta ajudar corpos de bombeiros com problemas crônicos de recursos. Contudo, depois que um enorme terremoto no Chile destruiu vários postos de corpos de bombeiros em fevereiro de 2010, a equipe da IFRM enviou aos corpos de bombeiros dos EUA um pedido urgente de ajuda. Eles conseguiram reunir, embalar e enviar com rapidez equipamentos para ajudar a suprir corpos de bombeiros do Chile. ■

Foto à direita: Cidadãos de Yucca Valley, na Califórnia, expressam agradecimento a seus bombeiros

© Reed Saxon/AP Images



É Preciso um "Avô"

Jeanne Holden

Bernard Jones, líder do Grupo de Avôs de Alexandria, Virgínia, mostra a um de seus pupilos um site que prende a atenção

©Louise Krafft

Bernard Jones, de pé, lidera uma reunião mensal entre Avôs e seus pupilos em Alexandria, Virgínia

©Louise Krafft

NaVonté corre para uma casa antiga de Alexandria, na Virgínia. Seu irmão DeShaun corre atrás dele. Alguns outros meninos afro-americanos os seguem. Eles recebem calorosas boas-vindas de Bernard Jones e de vários outros afro-americanos que estão dentro da casa. É o primeiro sábado do mês, e Jones é o anfitrião de uma reunião do Grupo de Avôs. O tema de hoje é planejamento de carreira.

Patrocinado pela Liga Urbana da Virgínia do Norte, o Grupo de Avôs pretende promover o desenvolvimento de meninos afro-americanos entre 9 e 12 anos cujos pais estão ausentes de casa. A Liga Urbana, fundada em 1910, dedica-se a ajudar afro-americanos a assegurar seus direitos civis e a se tornarem economicamente autossuficientes.

No Grupo de Avôs, o número de meninos participantes é igual ao número de homens afro-americanos, geralmente de 50 anos ou mais, para que sejam formados pares de mentor-pupilo que desenvolvem relações baseadas na confiança. Os Avôs contribuem com suas experiências de vida, conhecimentos, intuições e habilidades para moldar positivamente o caráter dos meninos afro-americanos.

Desde o início do programa, em 1998, os Avôs orientaram 150 meninos na Virgínia do Norte. Programas semelhantes ajudam meninos em outras áreas urbanas dos Estados Unidos. De acordo com o Censo dos EUA de 2010, apenas 35% de crianças afro-americanas nos Estados Unidos vivem com o pai e a mãe, em comparação com 78% de crianças brancas não hispânicas. Pesquisas nacionais mostram que crianças sem pai têm duas vezes mais probabilidade de abandonar a escola e correm um risco maior de se envolver com a criminalidade ou o abuso de álcool do que as crianças que vivem com o pai e a mãe. O Grupo de Avôs pretende ajudar meninos que crescem sem pai a evitar essas consequências.

"É bom para os meninos afro-americanos conhecerem profissionais afro-americanos fora da família e ver que eles são adultos responsáveis e bons cidadãos", disse Veronica Dean, mãe de NaVonté e DeShaun. "Meus filhos interagem pouco com homens adultos, e os que eles acabam conhecendo em geral não são afro-americanos".

Segundo Veronica, a percepção de seus filhos sobre os homens afro-americanos é contaminada pelos programas de TV nos quais eles são frequentemente retratados como pessoas sem lar ou envolvidas com drogas ilegais ou criminalidade.

O casal James e Laverne Chatman, de Alexandria, Virgínia, criou o Grupo de Avôs em 1998. James, já falecido, conheceu pessoalmente as necessidades dos meninos sem pai por causa de sua juventude em um lar sem pai. Mas seu tio o ajudou a aprender tudo que um pai lhe teria ensinado: como pescar, como dar um nó na gravata e como ser um cavalheiro. James, que era um empresário bem-sucedido, queria que outros meninos sem pai fossem beneficiados por pais substitutos.

Tony Martin, 52 anos, é mentor há dois anos em Alexandria. Seu pupilo é Ronald Clark, 12 anos. "Ele é único", diz Tony. "Tenho ótimas conversas com ele. Conversamos sobre esportes e sobre leitura. Eu conto para ele sobre o movimento pelos direitos civis."

Tony diz que Ronald ouve atentamente e segue os seus conselhos. Ronald, por sua vez, comenta que o Grupo de Avôs é muito bom. A mãe de Ronald diz que ele adora o grupo. Tony sempre visita Ronald em um centro de recreação local e vai a muitos dos jogos de basquete de Ronald.

"Quero ensinar Ronald a levar a educação a sério, a manter a mente aberta quando se trata de aprender e a ser uma pessoa humilde", explicou Tony. "Se ele tiver qualquer pergunta, quero que se sinta à vontade para fazê-la a mim. Quero que ele possa falar comigo sobre qualquer coisa."

Um mentor também pode ajudar um menino sem pai a não desenvolver ressentimentos sobre sua vida. Um dos primeiros Avôs, Melvin Miller, percebeu que os meninos que iam mal na escola geralmente ficavam irritados por não ter um pai em casa, não ter condições de bancar gastos extras ou por ter uma mãe que raramente ficava em casa. No Grupo de Avôs, Melvin fez par com um menino que estava começando a se descuidar da escola. A mãe do menino era enfermeira e trabalhava muitas horas.

"Quero ensinar Ronald a levar a educação a sério, a manter a mente aberta quando se trata de aprender e a ser uma pessoa humilde", explicou o Avô Tony Martin sobre seu pupilo Ronald Clark de 12 anos.

"Então, passei a ir à casa dele algumas noites para conversar", disse Melvin. "Ele não parecia tão ressentido quando conversava comigo." Melvin relata com orgulho que o menino foi bem na escola e entrou em uma universidade estadual de prestígio.

O programa de Avôs "muda vidas", tanto a dos meninos quanto a dos mentores, declarou Laverne Chatman. "Descobrimos que os mentores estão aprendendo melhores habilidades para lidar com os próprios netos, têm menos problemas de saúde porque estão afetando de modo positivo algumas vidas e criam amizade entre eles."

©Louise Krafft

Malcolm Murray, dentista, compartilha seus conhecimentos com um menino que está crescendo sem pai

Os Avôs mentores devem manter pelo menos quatro contatos por mês com os meninos. Ao menos dois desses contatos devem ser feitos pessoalmente. "O toque pessoal é importante", afirmou Clyde Bassingale, um Avô mentor em atividade. "O contato cara a cara ensina um menino a lidar com as pessoas."

Bassingale contou que ele e seu jovem amigo jogaram boliche, almoçaram em uma pizzaria e visitaram o Museu de História Natural do Instituto Smithsoniano.

No primeiro sábado do mês, o Grupo de Avôs se reúne para uma atividade da qual participa a maioria dos pares mentor-pupilo. Na reunião sobre carreira neste sábado em particular, um grupo de seis profissionais afro-americanos falou sobre suas memórias e experiências na preparação para a carreira que seguiram. Todos os palestrantes destacaram a importância de ir bem na escola.

Um deles, um dentista, ressaltou que ninguém vai bem o tempo todo e que a coisa mais importante é continuar tentando. Outro palestrante disse aos meninos: "Olhem à sua volta. Todos nós, os seus mentores e nós palestrantes, estamos aqui para mostrar a vocês que existem profissionais afro-americanos que se interessam por vocês e pelo seu sucesso." ■

Jeanne Holden é redatora freelancer na Virgínia do Norte e autora de Principles of Entrepreneurship [Princípios do Empreendedorismo].

Parceiros em Saúde: Saber Ouvir Constrói uma Comunidade

Lisa Armstrong

©AP Images/PRNews Foto/Austin College

O médico Paul Farmer, cofundador da Parceiros em Saúde, ausculta o coração de uma jovem vítima do terremoto de 2010 do Haiti

©Parceiros em Saúde

Voluntários americanos e haitianos da PIH trabalharam lado a lado tratando vítimas do terremoto de 2010

Poucas horas após o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti, membros da organização Parceiros em Saúde (PIH) começaram a chegar a Porto Príncipe para tratar de feridos encontrados nos escombros de edifícios desmoronados. Primeiro, médicos e auxiliares haitianos da organização chegaram de cidades de todo o país, inclusive de Cange, onde a Zanmi Lasante ("Parceiros em Saúde" em crioulo haitiano) tem sua sede.

Nos primeiros seis meses após o terremoto, 733 voluntários da PIH de 26 estados americanos e 6 países trabalharam no Haiti. Operaram membros, fizeram partos e trataram tuberculose, malária e outras doenças. Em hospitais de cidades-acampamento e clínicas improvisadas, médicos e enfermeiros haitianos e americanos trabalharam lado a lado.

A PIH presta assistência médica no Haiti há mais de 20 anos, principalmente nas partes rurais do país. Atualmente, as equipes também estão trabalhando nos acampamentos que abrigam mais de 1 milhão de haitianos desalojados. Sob tendas verdes, debaixo do sol escaldante, aplicam vacinas, oferecem acompanhamento pré-natal e tratamento de doenças comuns. "Em alguns momentos, atendemos entre 5 mil e 7 mil pessoas por semana e mais de 100 mil nos acampamentos", disse Donna Barry, da PIH.

"Nossa meta não era 'americanizar' nossa vizinhança, mas melhorar o sistema em vigor durante a resposta às emergências", afirma Ed Arndt, profissional de enfermagem do Brigham and Women's Hospital de Boston, em postagem sobre sua experiência de voluntariado no blog da PIH. "Estávamos todos lá para oferecer tratamento e apoio emocional a nossos pacientes.""

Solidariedade: a chave do sucesso

A noção de solidariedade diferencia a Parceiros em Saúde de muitas outras organizações beneficentes. Seus esforços foram bem-sucedidos porque eles respeitam e ouvem o que as pessoas de comunidades pobres querem, em vez de dizer-lhes do que necessitam.

"Uma coisa óbvia, mesmo na década de 1980, era o fato de o Haiti ser um verdadeiro túmulo de projetos de desenvolvimento, com muitos programas impostos de fora", disse o médico Paul Farmer, que ajudou a fundar a Zanmi Lasante com líderes da comunidade haitiana e Ophelia Dahl da Grã-Bretanha em 1983. Paul Farmer e Ophelia Dahl criaram a Parceiros em Saúde em 1987.

©Parceiros em Saúde

O profissional de enfermagem Ed Arndt de Boston ajuda vítimas do terremoto do Haiti.

"Assim, a PIH na verdade começou como organização de solidariedade para a Zanmi Lasante, que viria a ser dirigida por haitianos e empregaria haitianos", declarou Farmer. Além do Haiti, a PIH trabalha com organizações parceiras e ministérios nacionais de saúde em outros 11 países: Lesoto, Estados Unidos, República Dominicana, Cazaquistão, Guatemala, Burundi, Rússia, México, Ruanda, Peru e Malaui.

Paul Farmer foi ao Planalto Central do Haiti no segundo trimestre de 1983 antes de iniciar o primeiro ano da Faculdade de Medicina de Harvard. Na cidade de Mirebalais, trabalhou como voluntário em uma pequena clínica dirigida por um pastor episcopal, o reverendo Fritz Lafontant. Foi onde Paul Farmer e Ophelia Dahl se conheceram.

Ophelia tinha 18 anos e ainda não havia decidido o que queria fazer de sua vida, assim, por sugestão da família, foi ao Haiti como voluntária.

"Eu nunca havia estado em um país em desenvolvimento", disse ela. "Cresci nas cercanias de Londres, viajei pela Europa e pelos Estados Unidos e tive pais adoráveis e de pensamento avançado, mas não havia testemunhado pobreza realmente opressiva. Foi extraordinário e me causou uma enorme impressão. Não se podia fugir da pobreza; era espantoso."

Ophelia e Paul viajaram para Cange, pequena e pobre comunidade de pessoas que perderam as terras após a inundação de suas casas e campos causada pela construção de uma represa. As pessoas eram desesperadoramente pobres e não dispunham de assistência médica básica. Eles queriam ajudar. Quando Ophelia voltou para a Inglaterra, começou a arrecadar doações. A primeira delas foi de 500 libras esterlinas de um diretor de supermercado que conheceu em um jantar. Serviu para comprar balanças para pesar crianças.

Enquanto isso, Paul estava criando um projeto que forneceria assistência médica em maior escala. "Era um plano de longo prazo. Começaríamos abordando algo em pequena escala em parceria com o padre Lafontant", disse Ophelia.

Saber ouvir constrói uma clínica

Ophelia e Paul percorreram as trilhas empoeiradas de Cange, perguntando às pessoas do que necessitavam mais. "Havíamos parado em uma cabana horrível, arruinada, aos pedaços, e uma das crianças foi em busca de um dos pais que estava escavando um pedaço de terra minúsculo e seco, tentando plantar milho", contou ela. A resposta era quase sempre a mesma: eles queriam uma clínica.

Foi a ideia de trabalhar em parceria com a comunidade local que inspirou o nome da organização: Zanmi Lasante/Parceiros em Saúde.

Foi a ideia de trabalhar em parceria com a comunidade local que inspirou o nome da organização: Zanmi Lasante/Parceiros em Saúde. Ophelia e Paul formaram uma equipe que por fim incluiu o colega de quarto de Paul na faculdade, Todd McCormack; outro estudante de medicina de Harvard, Jim Yong Kim; e o empresário de Boston Tom White, que doou milhões de dólares para o primeiro projeto comunitário de saúde da PHI em Cange.

"Demos início à PIH em um assentamento de posseiros", declarou Paul. "Lá conheci algumas das pessoas com quem trabalho até hoje. E isso é parte do que

torna a PIH especial. Ainda trabalhos juntos."

A abordagem da PIH é holística; o grupo fornece alimento, ensino e outras necessidades básicas, além de tratamento médico. "Poderíamos ter dado às pessoas todos os remédios do mundo, mas se voltassem para casa em um lugar sem teto nem acesso a água ou alimento, eles morreriam", declarou Ophelia. Hoje, crianças vacinadas há 20 anos por intermédio dos esforços da PIH são adultos saudáveis. Ao contrário da maioria dos pais, tiveram acesso a educação, alimentação adequada e assistência médica.

Mesmo após o terremoto de 2010, a PIH trabalhou para fornecer mais do que assistência médica de emergência.

"Aumentamos a produção de produtos agrícolas", informou Donna Barry. "Temos uma fazenda perto de Cange, e eles imediatamente passaram a trabalhar plantando milho, sabendo que as necessidades de alimento seriam altas, pois as pessoas desabrigadas tinham se mudado para o Planalto Central. Trabalhando com a Zanmi Agrikol (crioulo haitiano para "Parceiros em Agricultura"), a PIH impulsionou a produção de nourimanba, alimento à base de amendoim, para combater a desnutrição e forneceu ferramentas agrícolas para mais de mil famílias.

Hoje o pessoal da PIH e voluntários encaram seu trabalho da mesma forma que Ophelia e Paul fizeram quando instalaram a primeira clínica em Cange.

"Visitar o Haiti é extremamente desencorajador e era muito pior no passado", afirmou Ophelia. "Mas a solução é concentrar-se em uma pequena área onde se possa ajudar, em vez de dizer 'vou combater a pobreza' ou 'vou reflorestar todo o Haiti'. Trata-se de visar perspectivas de longo prazo, fazer parcerias e alianças e trabalhar juntos, em bons e maus tempos." ■

Lisa Armstrong é redatora freelancer e escreveu sobre as consequências do terremoto do Haiti para o Centro Pulitzer de Cobertura de Crises.

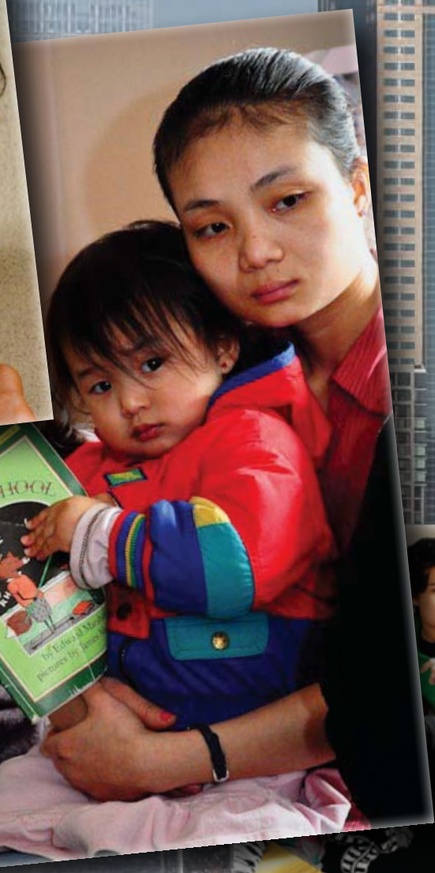
©Ron Haviv/VII/Corbis

Ophelia Dahl, cofundadora da Parceiros em Saúde, ouve haitiana atingida pelo terremoto de 2010. Ouvir as preocupações locais é a chave do sucesso da Parceiros em Saúde

Foto à direita: Haitianas selecionam amendoim para preparar nourimanba, alimento altamente nutritivo. A PIH ajudou agricultores haitianos a iniciar o cultivo de amendoim e a produção de nourimanba.

Reassentamento em Seattle

Charlotte West



Pessoas que fogem de seu país natal por causa de conflitos encontram uma nova vida em Seattle com a ajuda de voluntários do Comitê Internacional de Resgate

© AP Images

Foto: Jonathan Dodds

Jared Meyers, segundo a partir da esquerda, e Reyna Swift, à direita, visitam a família Liana para ajudar os recém-chegados da Birmânia a se adaptarem à vida em Seattle

Seis mulheres se sentam em volta de uma mesa repleta de post-its e peças de um quebra-cabeça que se encaixam para formar o mapa dos Estados Unidos. Jennica Prescott, voluntária do Comitê Internacional de Resgate (IRC), caminha pela sala perguntando se elas conseguem encontrar o estado de Washington no mapa. Elas riem enquanto uma delas tenta colocar Utah na Costa Leste.

O IRC tem ajudado o reassentamento dessas mulheres e seus familiares do Butão no Noroeste do Pacífico. "É incrível ouvir sobre o caminho que trilharam para chegar até aqui. A meta da organização é ajudar refugiados a se tornarem autossuficientes", informa Jennica Prescott.

Fundado em 1933, o IRC trabalha hoje em 22 cidades americanas, reassentando refugiados, e em mais de 40 países como Sudão, Etiópia, Iraque, Afeganistão, Paquistão e Birmânia (Mianmar) fornecendo assistência emergencial, educação e serviços de saúde. Em 2010, a organização ajudou a reassentar 9.600 refugiados nos EUA e prestou serviços a 24.500 refugiados, solicitantes de asilo e vítimas do tráfico humano no exterior.

O escritório do IRC em Seattle ajudou o reassentamento de mais de 18 mil refugiados de mais de 30 países na área de Puget Sound desde 1976. A maioria dos clientes da organização vem do Butão e da Birmânia, com grupos menores da Somália, da Eritreia e do Iraque.

Grande parte do trabalho do IRC em Seattle é feito por cerca de 200 voluntários que trabalham na área administrativa e também em contato direto com os refugiados.

Os voluntários se tornam mentores dos refugiados por meio do programa Amigo da Família. Cada voluntário é designado para uma família e se encontra com ela semanalmente para ajudá-la a se adaptar. Eles ensinam as famílias a usar o transporte público e as ajudam a praticar inglês. Outros dão aula sobre como arrumar emprego ou ajudam os jovens na escola.

A faixa de idade dos voluntários do IRC abrange desde estudantes de faculdade e recém-pós-graduados até profissionais em meio de carreira e aposentados. Todos são motivados pelo desejo de dar uma retribuição à sociedade.

"Eu vinha procurando formas de me envolver com a comunidade desde que me mudei para Seattle. Queria realmente trabalhar com as comunidades minoritárias, especialmente com os que acabavam de chegar aos EUA, porque sentia falta do intercâmbio cultural que tive no Corpo da Paz e em outras viagens ao exterior", disse Tilden Keller, ex-voluntária do Corpo da Paz no Haiti e na República Dominicana.

Tilden é mentora de duas famílias, uma da Birmânia e a outra da Eritreia. A família Meh, composta de sete pessoas, pertencente à tribo karenni da Birmânia, veio para Seattle há um ano e meio. Eles eram agricultores na Birmânia antes de passar dez anos em um campo de refugiados na Tailândia.

Tilden conta que seu relacionamento com os Meh evoluiu desde que começou a trabalhar com eles. No início, ela os ajudou com questões práticas como instalar a eletricidade no apartamento deles e abrir uma conta bancária. Agora ela passa muito tempo só "convivendo" com eles. Em uma das visitas, ela se sentou com eles na sala e ficaram jogando um jogo parecido com *jacks.*

Tilden tem uma lembrança muito vívida da visita ao zoológico local, o Woodland Park Zoo, com os Meh. "Quando chegamos à 'aldeia tailandesa', os olhos deles brilharam. As crianças corriam pela casa e me contavam como tudo era igualzinho ao que tinham quando moravam na Tailândia. Acho que foi a primeira vez desde que chegaram aos EUA que realmente se sentiram conectados à sua antiga vida", contou ela.

O casal Reyna Swift e Jared Meyers começou trabalhando com os Liana, família birmanesa de seis pessoas, em setembro de 2010. Reyna e Jared procuravam alguma coisa para fazer juntos que tivesse impacto imediato na vida de outras pessoas.

Eles visitam a família uma ou duas vezes por semana e, às vezes, saem com eles para o shopping center, o zoológico ou o centro da cidade de Seattle. Uma visita típica pode incluir incentivar a família a praticar inglês, conversar sobre as dificuldades diárias e jogar.

"Lembro-me da primeira vez que visitei a família. Levei um jogo de cartas Uno. Depois que começamos a jogar, Jared e eu percebemos que cada um de nós tinha passado para a família um conjunto de regras diferente. Após diversas partidas, nossa frustração começou a ir embora", diverte-se Reyna.

A família Liana pertence aos Chin, minoria cristã da Birmânia. Em Seattle, eles frequentam a igreja birmanesa, que recentemente celebrou o Dia Nacional Chin. Reyna e Jared foram com eles à igreja nesse dia.

Foto: Jonathan Dodds

Esta jovem mãe, que fugiu com seu filho do conflito étnico na Birmânia, contempla um futuro mais pacífico em Seattle

Cada voluntário é designado para uma família para ajudá-la a se adaptar. Eles ensinam as famílias a usar o transporte público e as ajudam a praticar inglês. Outros dão aula sobre como arrumar emprego ou ajudam os jovens na escola.

"Eles enfrentam desafios terríveis na adaptação à vida nos Estados Unidos, mas ainda assim continuam sendo positivos e muito fortes como unidade familiar. Cada vez que vou visitá-los, fico impressionado com a maneira como a família trabalha como uma unidade", comenta Jared.

Trabalhar como voluntária no IRC ajudou Alyssa Loos, aluna da Universidade de Washington, a descobrir suas próprias prioridades. Ela dá aulas avançadas de inglês como segunda língua uma vez por semana na sede do IRC no centro de Seattle.

"Essa experiência de serviço voluntário me deu a certeza de que quero ser professora", afirmou.

Uma manhã, ela dá aula de preparação para o emprego a dois iraquianos. "As tarefas podem incluir fazer comida, limpar janelas ou lavar louça", contou.

Alyssa aproveita em suas aulas sua própria experiência como estudante de árabe. Por exemplo, usar expressões tradicionais como "Insha'Allah" ("Queira Deus") e escrever seu nome em árabe no quadro fizeram muito sucesso com os alunos. "A barreira é quebrada quando mostro a eles que eu também estou aprendendo uma língua", explicou. "Eles ficam muito gratos e se dedicam bastante." ■

Charlotte West é redatora freelancer baseada em Seattle e professora adjunta de História na Universidade de Seattle.

Além do Lucro: Voluntários da IBM

Kathryn McConnell

Os voluntários corporativos da IBM estão introduzindo novas tecnologias que moldarão o futuro da Indonésia

Cortesia: Janice Fratamico, Tropa Corporativa para Ações Sociais da IBM

Cortesia: Mathian Osicki & Lisa Lanspery, Comunicações Corporativas da IBM

Os conhecimentos de tecnologia da computação ensinados pelos voluntários da IBM estimularam a eficácia da educação em saúde na Nigéria Aqui, educadora em saúde realiza workshop no estado de Cross River na Nigéria para uma classe de estudantes atentos, exceto a criança na última fila.

Trabalhar no setor privado significa mais do que ajudar uma empresa a ter lucro. Significa contribuir com comunidades.

É por isso que, em 2008, a gigante de computação International Business Machines Corp. (IBM) deu início à sua Tropa Corporativa para Ações Sociais (CSC), conectando seus funcionários a organizações governamentais e sem fins lucrativos de países em desenvolvimento. Isso faz parte de uma nova era de voluntariado internacional.

Com sede em Armonk, Nova York, a IBM gasta US$ 60 milhões por ano com a tropa. "Isso está na interseção do desenvolvimento tecnológico e econômico e da criação de empregos", disse Stanley Litow, vice-presidente de Cidadania Corporativa da IBM. Desde o início do programa, a IBM enviou cerca de 1.400 funcionários para trabalhar em projetos em cerca de 50 países da África, da Ásia e da América Latina. Litow disse que isso supera qualquer outra empresa que presta serviços *pro bono* no mundo em desenvolvimento.

A Tropa Corporativa para Ações Sociais permite à IBM identificar e capacitar sua próxima geração de líderes qualificados enquanto ajuda nações em desenvolvimento a resolver problemas prementes, disse Litow. "Esse é um modelo que será cada vez mais copiado por outras empresas."

Segundo Litow, o programa oferece um triplo benefício: assistência técnica para as comunidades onde atua, oportunidade para os funcionários aprimorarem suas capacidades técnicas e de liderança e incursões em novos mercados.

Equipes de 6 a 12 funcionários com conhecimentos de tecnologia, ciências, marketing, finanças ou desenvolvimento de negócios fazem imersão em locais como o estado de Cross River, na Nigéria; Chiang Mai, na Tailândia; e Johannesburgo por até um mês enquanto desenvolvem soluções para os desafios locais. "Eles estão

Cortesia: IBM

Esta criança saudável provoca um lindo sorriso no rosto de sua mãe. Voluntários corporativos da IBM na Nigéria escolheram assistência à saúde como alvo para seu serviço

oferecendo esses conhecimentos especializados para fazer uma diferença real", explicou Litow.

Os membros das equipes vêm de filiais da IBM do mundo todo. Eles passam por uma preparação de dois meses e meio antes de viajar, conhecendo os companheiros de equipe por telefone, internet e também pessoalmente. Recebem informações sobre as metas do projeto e a cultura do país anfitrião.

Foi solicitado à equipe de Johannesburgo que recomendasse formas de usar a tecnologia da informação para melhorar a infraestrutura de segurança pública da cidade. "A segurança pública está muito vinculada ao desenvolvimento econômico e à habitabilidade", disse Litow. "O projeto demandou pessoas especializadas em segurança, desenvolvimento de software, processos empresariais, governo, direito e finanças."

Ron Dombroski, executivo de marketing da IBM, foi a Johannesburgo como membro da equipe de seis pessoas que incluiu colegas da Índia, do Brasil e dos Estados Unidos. Segundo o executivo, a equipe propôs um plano de cinco anos pedindo a instalação de câmeras de segurança para deter a criminalidade e ajudar os funcionários de serviços de emergência, bem como a adaptação de terminais móveis, como smart phones, para fornecer mapas de localização de hidrantes de incêndio e chaves de energia a fim de ajudar os bombeiros na resposta aos chamados de emergência.

Início de um relacionamento

Outra equipe da IBM foi à Nigéria e trabalhou em um projeto de assistência à saúde para mulheres grávidas e crianças pequenas em vilarejos remotos no estado de Cross River. A equipe da IBM interconectou todas as clínicas em um ambiente de computação em nuvem, com cartão leitor de impressão digital a fim de garantir que os prontuários médicos de cada mãe e criança sejam precisos e completos. Isso proporcionou aos médicos acesso rápido às informações necessárias para a tomada de boas decisões. (Na computação em nuvem, uma organização aluga a capacidade em excesso de um servidor de outra entidade, o que a libera da necessidade de adquirir seu próprio centro de dados.)

Com a ajuda da IBM, o projeto de saúde do estado de Cross River aumentou o número de pessoas atendidas de mil para 20 mil em curto espaço de tempo, informou Litow.

Em Jacarta, a Tropa Corporativa para Ações Sociais está ajudando a melhorar o sistema de transporte da cidade. Em Chiang Mai, uma equipe da IBM está trabalhando em um sistema de informação que ajudará a cidade a ampliar seu setor de turismo de saúde. Em Cebu, nas Filipinas, membros da tropa estão ajudando autoridades a desenvolver um plano de uso da terra.

A ideia de voluntariado corporativo está atraindo empresas como Dow Corning, PepsiCo, Novartis e John Deere, que estão avaliando o modelo da IBM, afirmou Litow. A IBM está trabalhando também com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e a consultoria CDC Development Solutions na construção de um site para o voluntariado corporativo internacional, no qual empresas poderão compartilhar informações sobre seus programas. ■

Kathryn McConnell pertence à equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA..

©St. Petersburg Timnes/Gail Diederich/The Image Works

A vontade de compartilhar conhecimento com estrangeiros de terras distantes anima muitos voluntários americanos. Muitas pessoas da terceira idade prestam trabalho voluntário como tutores e mentores de crianças em idade escolar

Recursos Adicionais sobre Voluntariado

Websites

Promessa dos Estados Unidos: Aliança para a Juventude
http://www.americaspromise.org

Comitê Internacional de Resgate
http://www.rescue.org

Corporação para o Serviço Nacional e Comunitário
http://www.nationalservice.gov

Conselho Nacional dos Voluntários de Combate a Incêndios
http://www.nvfc.org

Habitat para a Humanidade Internacional
http://www.habitat.org

Serviço Voluntariado On-line das Nações Unidas
http://www.onlinevolunteering.org/en/index.html

Videos

Férias para Voluntários: Reconstrução de Nova Orleans
http://www.youtube.com/americagov#p/search/2/o7rX-VzeOEM

Para os americanos, o lazer não é apenas um momento para relaxar; também pode ser um momento para ajudar os outros. E muitos americanos sentem uma responsabilidade especial de ajudar o povo de Nova Orleans devastado pelo furacão Katrina em 2008.

Jovens Voluntários
http://www.youtube.com/americagov#p/search/0/2LNcp0PyFpo

Alunos e professores falam sobre o valor e os benefícios de ajudar os outros em suas escolas, comunidades locais e no mundo todo. Os participantes do vídeo são alunos e professores da West Springfield High School, escola de ensino médio da Virgínia do Norte.

Bicicletas para o Mundo
http://www.youtube.com/americagov#p/search/2/g91-rEtYUBU

Uma bicicleta pode dar a uma pessoa a oportunidade de ir para o trabalho ou para a escola ou de começar um negócio. Voluntários americanos da organização Bikes for the World recolhem bicicletas usadas e as enviam para países em desenvolvimento onde podem fazer diferença significativa na vida das pessoas.

Basquete à Meia Noite
http://www.youtube.com/americagov#p/search/3/FAO89Gis6nw

Programa da cidade de Richmond, na Virgínia, ensina o valor do trabalho árduo e da cooperação dando a jovens em situação de risco esperança no futuro.

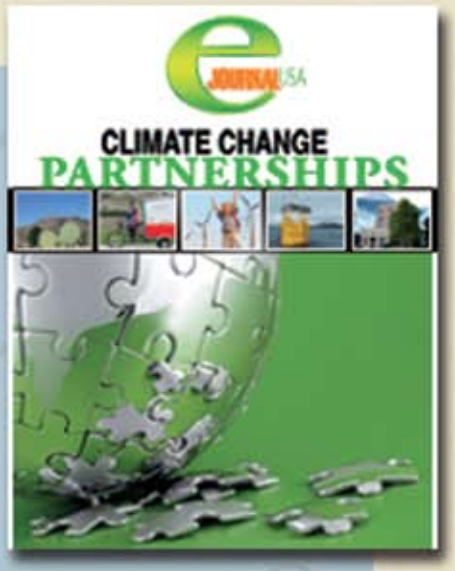
Caminhando para Acabar com a Fome
http://www.youtube.com/americagov#p/search/1/N8O0T5w-4js

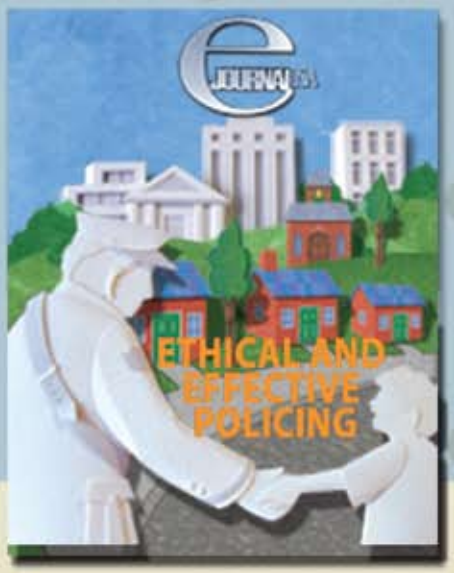
A Caminhada Hartford contra a Fome, realizada anualmente, é o maior evento de arrecadação de fundos destinado a combater a fome e a desnutrição no estado de Connecticut. Todos os anos, grupos seculares e religiosos se unem para arrecadar dinheiro.

Esforços de arrecadação de fundos da GlobalGiving para o Japão
http://www.youtube.com/americagov#p/u/140/QeWP40L7lB8

Mari Kuraishi—cofundadora e presidente da GlobalGiving—fala sobre os esforços de arrecadação de recursos coordenados por sua organização sem fins lucrativos em apoio ao Japão.

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em dezembro de 2011.





Монгол English 中文 Français Português 한국어 Українська 日本語

Türkçe Tiêng Viêt Pashto Urdu فارسی عربي Русский Español

U.S. DEPARTMENT OF STATE
BUREAU OF INTERNATIONAL INFORMATION PROGRAMS